



ID: 122453137

09-04-2026

Da agressão impune à pausa temporária na guerra

Opinião



Pedro Ponte e Sousa

O cessar-fogo anunciado entre os EUA e o Irão foi recebido com alívio compreensível. Após semanas de escalada militar desencadeada pela agressão norte-americana e israelita contra território iraniano, qualquer suspensão das hostilidades é bem-vinda. Mas não devemos confundir isto com um processo de paz. Não é. É, no melhor dos casos, uma pausa táctica numa confrontação cuja lógica estrutural permanece inteiramente intacta.

A ofensiva foi apresentada como resposta preventiva a ameaças regionais, a alegados desenvolvimentos nucleares iranianos. Mas do ponto de vista do direito internacional, a qualificação é mais simples e mais grave: uso da

força contra um Estado soberano sem mandato das Nações Unidas.

Isto não surge do nada. A estratégia de coerção dos EUA e de Israel relativamente ao Irão tem décadas. Desde a revolução de 1979 que Washington procura limitar a capacidade regional iraniana por todos os meios disponíveis: sanções económicas maciças, isolamento diplomático, recurso à força directa ou por interposta potência. O objectivo sempre foi o mesmo: impedir a emergência de um pólo de poder regional autónomo capaz de desafiar a arquitectura de segurança que os EUA dominam no Médio Oriente. Não é uma política de segurança. É uma política de hegemonia.

O cessar-fogo não decorre de qualquer transformação política real. É uma resposta pragmática a um problema que a escalada tornou súbita e infortavelmente visível: os custos desta guerra revelaram-se muito superiores ao calculado.

Há dois factores que pesaram decisivamente. O primeiro é o

estreito de Ormuz. A possibilidade real de perturbação do tráfego petrolífero naquele ponto introduziu instabilidade económica global. Num sistema internacional tão dependente da segurança energética, essa ameaça tem consequências que nenhuma chancelaria ocidental pode ignorar.

O segundo factor é a capacidade de retaliação regional do Irão, que esta crise demonstrou ser mais robusta do que se pensava. A rede de alianças construída por Teerão ao longo das últimas décadas significa que um confronto directo com o Irão pode rapidamente transformar-se numa guerra de múltiplas frentes. Ninguém no Ocidente quer pagar esse preço.

O cessar-fogo é, portanto, gestão de risco. Uma forma de interromper uma dinâmica de escalada que começava a fugir ao controlo.

Esta pausa não resolve absolutamente nada do que importa. Não resolve a rivalidade estratégica entre Israel e o Irão. Não resolve o regime de sanções que há

décadas estrangula a economia iraniana sem produzir os resultados políticos pretendidos. Não resolve a presença militar norte-americana maciça no Golfo. E não resolve a questão nuclear, que tem servido de pretexto para sucessivas crises e continuará a servir. Mais revelador: vários responsáveis israelitas deixaram claro que a suspensão não implica o fim das operações militares noutras frentes regionais. Ou seja, nem como cessar-fogo completo funciona.

Cessar-fogos duradouros raramente emergem de negociações conduzidas sob pressão militar e sem enquadramento diplomático estruturado. A estabilidade exige processos políticos capazes de redefinir equilíbrios de poder e de reconhecer interesses de segurança mínimos entre adversários, incluindo os adversários de que não gostamos. Nada disso existe aqui.

Enquanto Washington continuar a tratar o Médio Oriente como um espaço a gerir através da coerção, e

enquanto a doutrina israelita continuar a apostar na superioridade militar como garantia de segurança permanente, qualquer suspensão de hostilidades será temporária por definição. A estrutura produz o conflito. Mudar o conflito exige mudar a estrutura. E ninguém com poder para o fazer parece disposto a fazê-lo.

O Médio Oriente conhece bem este padrão: guerras que terminam em cessar-fogos precários, vendidos como sucessos diplomáticos, que apenas congelam conflitos mais fundos até à próxima explosão. O que foi anunciado não parece ser diferente. A guerra suspendeu-se não porque tenha sido resolvida, mas porque se tornou momentaneamente demasiado perigosa para continuar. Não é o início da paz. É um intervalo. Breve, incerto, e provavelmente mais curto do que gostaríamos.

Universidade Portucalense e Instituto Português de Relações Internacionais